

PERSPECTIVA ESPECIALIZADA PARA TRADUÇÃO DO LATIM BOTÂNICO EM UM EXCERTO DA *FLORA BRASILIENSIS*

Artur Manoel Leite Medeiros^{1,2}; Brisa Alves Rodrigues¹;
Ana Carolina Mezzonato Pires³; Claudia Barbieri Ferreira Mendonça²;
Francisco de Assis Florêncio¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Departamento de Letras Clássicas e Orientais

²Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Departamento de Botânica

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Departamento de Botânica

RESUMO

O Latim Botânico consiste em uma variedade linguística, sobretudo técnica e escrita, desenvolvida por Carlos Lineu durante o século XVIII. Dentre as sucessivas contribuições taxonômicas na área Botânica, a obra *Flora brasiliensis* (1840-1906) produz uma ampla revisão e atualização de diversas famílias, sendo uma obra fundamental para a ciência brasileira. Esta também é importante por seus elementos da Língua Latina e, mais especialmente, como uma grande contribuição à expressão escrita do Latim Botânico. Como trata-se de uma literatura especializada, é necessário exatidão não só linguístico-gramatical, mas também morfológico-taxonômica, que requer domínio de conceitos e verbetes adotados à época, bem como conhecimento das especificidades estruturais de composição deste tipo de texto. Desse modo, o artigo visa uma perspectiva especializada da tradução do Latim Botânico para a Língua Portuguesa. Para tal finalidade, selecionou-se o texto taxonômico de um maracujá-vermelho da *Flora brasiliensis*, a saber, *Passiflora vitifolia* Kunth. Durante a tradução do excerto, foi feita uma discussão a respeito das características linguísticas, estruturais e terminológicas do Latim Botânico, assim como as perspectivas morfológicas essenciais para melhor tradução do gênero de planta. Portanto este artigo ilustra a relevância dos textos taxonômicos, devido aos padrões e riqueza terminológica que conciliam o rigor científico e o processo de tradução, bem como traz considerações à comunidade científica a respeito da importância do conhecimento da Língua Latina para estudiosos da área de taxonomia botânica.

Palavras-chave: Latim científico; Latim botânico; *Flora brasiliensis*; *Passiflora*.

SPECIALIZED PERSPECTIVE FOR THE TRANSLATION OF BOTANICAL LATIN IN AN EXCERPT FROM THE *FLORA BRASILIENSIS*

ABSTRACT

The Botanical Latin is a linguistic variety, mainly technical and written, developed by Carl Linnaeus during the 18th century. Among the successive taxonomic contributions in the field of Botany, *Flora brasiliensis* (1840-1906) produces a wide review and update of several families, being a fundamental work for Brazilian science. It is also important for its elements of the Latin Language and, more especially, as a major contribution to the written expression of Botanical Latin. As a specialized literature, not only linguistic-grammatical accuracy is required, but also morphological-taxonomic accuracy, which requires mastery of concepts and entries adopted at the time, as well as knowledge of the structural specificities of composition of this type of text. Thus, the article aims at a specialized perspective of the translation of Botanical Latin into Portuguese. For this purpose, it was selected a taxonomic text of a red passionflower from *Flora brasiliensis*, namely, *Passiflora vitifolia* Kunth. During the translation of the excerpt, it was made a discussion about the linguistic, structural, and

terminological characteristics of Botanical Latin, as well as the essential morphological perspectives for a better translation of the plant genus. Therefore, this article illustrates the relevance of taxonomic texts, due to the standards and terminological richness that reconcile scientific rigor and the translation process, as well as brings considerations to the scientific community about the importance of knowledge of the Latin language for scholars in the field of botanical taxonomy.

Keywords: Scientific Latin; Botanical Latin; *Flora brasiliensis*; *Passiflora*.

1 INTRODUÇÃO

O “Latim Botânico” é uma variedade linguística de uso técnico e essencialmente escrita, desenvolvida por Carlos Lineu (1707-1778). Ele foi exigido na diagnose para publicação de um novo nome científico até que o inglês foi aceito por alternativa a partir de 2011, ano em que o latim se tornou opcional (MCNEILL *et al.*, 2012).

Apesar de que a literatura botânica atual apresente um claro direcionamento para a língua inglesa, a Taxonomia Vegetal como conhecemos não existiria sem a consulta de diagnoses e descrições em língua latina, devido ao conceito de *tipo nomenclatural*. O tipo é uma coleta de espécie ou táxon infraespecífico, normalmente um espécime seco — a exsicata — depositado em herbário, ao qual um nome científico se liga permanentemente. Assim também o tipo deve estar associado a uma publicação válida desse nome, o protólogo, em geral composto por diagnose e outros elementos: descrição, ilustrações, referências, sinónimas etc. (TURLAND *et al.*, 2018).

Os rudimentos do Latim Botânico provêm da Antiguidade Clássica, em especial de Teofrasto (370-285 a.C.) e Plínio, o Velho (23-79 d.C.). A sua existência atual se deve à conservação do latim como língua franca na Idade Média e Renascença até o século XVIII (STEARN, 1983). Posteriormente, sua aplicação originou controvérsias, pois Lineu continuou a tradição segundo a qual os nomes de plantas devem estar em latim ou devem ser latinizados, mas autores como Alphonse de Candolle (1806-1893) e Asa Gray (1810-1888) defendiam o uso de línguas vernáculas, de modo que ao latim caberiam *generalia*, isto é, breves textos gerais (SARGENT, 1889). A ideia progrediu nos códigos de nomenclatura: Briquet *et al.* (1906) determinam ser válido apenas o nome científico que incluir uma diagnose latina, a despeito do texto restante ser vernáculo. Recentemente, McNeill *et al.* (2012) extrapolam o vernáculo até para a diagnose.

Na Taxonomia Vegetal, entretanto, ainda se situam ricos elementos da tradição helênica e latina. O amplo vocabulário que os *rhizotómos* (g. ριζοτόμος, “coletores de ervas medicinais”)

da Antiguidade possuíam foi oportuno a ponto de permanecer conservado até em nomes comuns e científicos atuais. Um de seus expoentes foi o já mencionado filósofo Teofrasto, em sua *Historia Plantarum* (c. 350-287 a.C.) (THEOPHRASTUS ERESII, 1644).

Plínio, o Velho, reuniu diversos desses elementos conceituais teofrastianos em *Naturalis Historia* (77 d.C.), conquanto esta não fosse uma obra dedicada à Botânica tal qual *Historia Plantarum* porque compendia diferentes conhecimentos da época (GAIUS PLINIUS, 1778). A obra pliniana foi importante por permitir o contato de herbalistas quinhentistas, como Otto Brunfels (1488-1534) e Leonhart Fuchs (1501-1566), com conceitos originalmente gregos, o que contribuiu para preservar conhecimentos de Teofrasto e Plínio na terminologia moderna (SPRAGUE, 1933c).

Portanto, *Naturalis Historia* consiste na maior obra redigida em Latim Clássico acerca da Botânica e, por sua vez, oferece matéria-prima terminológica, embora ainda não suprisse o rigor apreciado pela classificação vegetal moderna. Partilhavam de equiparável mérito Santo Isidoro de Sevilha (560-636) e Santo Alberto Magno (1193-1280), exemplos notáveis na terminologia botânica da Idade Média (SPRAGUE, 1933a; 1933b).

A Era dos Descobrimentos demandou termos que descrevessem melhor os achados do Novo Mundo. Foi desse modo que Pedro Cieza de León (1520-1554), em *La crónica del Perú* (1553), fez o primeiro registro de uma fruta que denominou *granadilla*, ao descrever os povos da cidade de Cali: “[...] as ribeiras estão bem povoadas das frutas que provêm da mesma terra, dentre as quais há uma muito saborosa e perfumada, que chamam de granadilhas.” (LEÓN, 1553, p. 91, tradução nossa). Nicolás Monardes (1493-1588), por fim, faz o primeiro relato da flor-da-paixão, nome cujo equivalente em latim, *flos passionis*, foi usado à época pelos jesuítas ibéricos para se referir à flor de maracujá: “a flor brota como uma rosa branca, e nas folhas há símbolos da Paixão de Nosso Senhor, que parecem ter sido pintados com muito cuidado, porque é a flor mais especial que já se viu.” (MONARDES, 1580, p. 90, tradução nossa).

Sucessivamente, o Pe. Simone Parlasca (1609) aborda a supradita perspectiva religiosa de *flos passionis*, também aliada à lírica e científica, com acréscimo de inovadoras descrições morfológicas. O monge é o primeiro a designar a corona dos maracujás, que define em perspectiva religiosa: “[...] uma coroa de setenta e dois espinhos, como aquela que trespassou a cabeça de Nosso Senhor” (PARLASCA, 1609, p. 2, tradução nossa).

O nome como conhecemos, *maracujá*, ou melhor, *murucuja*, só viria a ser pela primeira vez registrado em *Historia Naturalis Brasiliae* (1648). Tal obra é concebida por engenho de

dois humanistas do Renascimento: o médico holandês Guilherme Piso (1611-1678) e o naturalista alemão George Marcgrave (1610-1644) (PISO; MARCGRAVE, 1648).

Diferentemente de *flos passionis* e outras denominações, Lineu reúne as diversas espécies de maracujás, desde a primeira publicação de *Systema Naturae*, sob o gênero *Passiflora* (LINNAEUS, 1735). Johan Hallman (1726-1797), seu discípulo, revisa o gênero em *Amoenitates Academicae*, listando 22 espécies válidas e 18 dúbias. Hallman (1749, p. 214, tradução nossa) esclarece por que de não se usar *flos passionis* e a origem de *passiflora*: “[...] porquanto não são permitidos dois vocábulos distintos no nome genérico, Plukenet propôs um novo nome para esta flor, e esse com [apenas] um único vocábulo: ele chamou de *passiflora*”.

Após as inéditas contribuições de *Historia Naturalis Brasiliae* e de demais publicações taxonômicas, o gênero *Passiflora* passou por ampla revisão e atualização na *Flora brasiliensis* (1840-1906). Esta última obra foi produzida, em 15 volumes e 40 partes, pelos seguintes editores: Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), August Wilhelm Eichler (1839-1887) e Ignatz Urban (1848-1931). Esses editores ainda contaram com a colaboração de mais 65 autores, taxonomistas das famílias botânicas abordadas na obra. Quem revisou a família Passifloraceae — e, por conseguinte, o gênero *Passiflora* — foi um desses especialistas, Maxwell Tylden Masters (1833-1907), que o fez no volume 13 da *Flora brasiliensis*, fascículo LVII. A família foi dividida em três gêneros e subgêneros, além de seções e séries, o que totaliza 110 espécies, 83 delas no gênero *Passiflora* (MASTERS, 1895).

Dessa forma, a *Historia Naturalis Brasiliae* e a *Flora brasiliensis* se notabilizaram por baluartes da Ciência e, igualmente, da Botânica brasileira, além de oferecerem ricos elementos da Língua Latina. Dado que as obras contemplam a literatura especializada, a precisão requerida por seu público exige exatidão não só no tocante ao conhecimento linguístico-gramatical, mas também morfológico-taxonômico. Logo, requer domínio de conceitos adotados à época, bem como da estrutura de um texto taxonômico e dos caracteres vegetais descritos.

Ademais, a terminologia contém elementos constantemente atualizados na literatura, dificultando a seleção de critérios para tradução — em suma, pende-se entre preservar conceitos adotados pelo autor e torná-los acessíveis à compreensão dos leitores atuais. Dessarte, este trabalho visa a uma perspectiva especializada da tradução do Latim Botânico para Língua Portuguesa, o que inclui a análise de suas características linguísticas, discussão da terminologia empregada e alternativas da tradução especializada. Para tanto, selecionou-se, na *Flora brasiliensis*, o texto taxonômico de um maracujá-vermelho nativo do Brasil, a saber, *Passiflora*

vitifolia Kunth. Tal excerto foi selecionado, dentre outros, por se tratar de um texto taxonômico completo, que ainda inclui variedades, dentre as quais uma é atualmente o protólogo da espécie *Passiflora involucreta* (Mast.) A.H.Gentry. O objeto de estudo encontra-se em Masters (1895, p. 607-608), onde foi traduzido o texto taxonômico referente a *P. vitifolia*.

Para a tradução geral da terminologia, optou-se por consultar Font Quer (1979) e Stearn (1983), pois ambos são amplamente usados em trabalhos taxonômicos, sobretudo brasileiros. Também se optou pela consulta adicional de Rizzini (1955), Radford *et al.* (1974), Fernandes (2007) e Gonçalves e Lorenzi (2011). O dicionário de Gaffiot (1934) igualmente foi utilizado. Os conceitos morfológicos de maracujás foram consultados em Harms (1925), Killip (1938) e Cervi e Dunaiski-Junior (2004).

2 TRANSCRIÇÃO

57. PASSIFLORA VITIFOLIA H.B.K. foliis membranaceis, superne nitidis, subtus puberulis, heteromorphis, saepius cordatis 3-lobis, lobis oblongis acutis repando-dentatis, interdum oblongis integris; petiolis plq. pollicaribus basi biglandulosis; pedunculis petiolo longioribus apice trigonis; *bracteis magnis coloratis oblongis vel ovato-oblongis*, integerrimis vel serrulatis, ad margines glandulosis; floribus maximis, *tubo sulcato*; coronae faucialis filis interioribus basi inter sese connexis, apice conniventibus.

Tabula nostra CXXI.

Passiflora vitifolia H.B.K. *Nov. Gen. et Sp. II. 138. (1817).*

Passiflora sanguinea Smith in Rees' *Cyclop. (1819).*

Passiflora punicea DC. *Prodr. III. 329.*

Tacsonia Buchanani Lemaire *Ill. Hort. t. 519. Passiflora Servitensis* Karst. *Linnaea XXX. 163.*

? *An huc Passiflora Caracassana* Willd., ex Spreng. *Syst. Pl. III. 40.*

? *Passiflora multiformis* Jacq. *Fragm. 169. t. 67. f. 1. (folia tantum depicta).*

FRUTICOSA scandens. CAULIS teres tomento ferrugineo tectus, demum calvus. FOLIA 3-5 poll. longa, 4-6 poll. lata, 3-nervia, 3-loba, lobis lateralibus oblongis, lobo medio paulo longiore ovato, omnibus acutis repando-dentatis. PETIOLI subtus convexi, superne canaliculati, basi biglandulosi. STIPULAE lineari-subulatae, deciduae. PEDUNCULI axillares petiolos vix duplo superantes, sursum incrassati, apice articulati, 1-flori. BRACTEAE herbaceae coloratae 1/2-pollicares et ultra. FLOS expansus diam. 3-poll. et ultra, rubro-aurantiacus vel coccineus. TUBUS vix semipollicaris cylindratus, basi parum distensus, extus longitudinaliter 10-lobatus, intus 10-sulcatus, basi umbilicatus. SEPALA subcoriacea lanceolata, extus puberula, plus minus alato-carinata, carina infra apicem in corniculum exeunte. PETALA sepalis paulo angustiora et breviora. CORONA FAUCIALIS filamentosa triseriata, filis extimis erectis quam petala 3-plo brevioribus coccineis albo-punctatis basi distinctis, filis proximis conformibus paulo brevioribus, filis seriei tertiae basi in membranam connexis, superne liberis inclinatis. CORONA MEDIA (operculum) membranacea, e tubo versus medium emergens, deflexa, apice refracta serrulata. GYNANDROPHORUM petalis vix brevius, gracile, coccineo-punctatum. FILAMENTA complanata punctis purpureis adspersa. OVARIUM ellipsoideum apice attenuatum. STYLI graciles obscure purpurei. STIGMATA hemisphaerica ochroleuca. Fructus non exstat.

Stirps subvariabilis, florum pulchritudine insignis. Varietates sequentes distinguere potui:

Var. *α*. MINOR, bracteis floribusque minoribus.

Var. *β*. INVOLUCRATA, bracteis maximis duplicato serratis, serraturis glandulosis.

Passiflora punicea Mart. Mss.

*Habitat typus speciei in prov. do Alto Amazonas in silvis secundum fluvium Japurá superiorem: Mártius!; in sepibus prope Ega: Poeppig!; in prox. Minas Geraës in sylvis ad Mariana: Martius!; locis Brasiliae meridionalis non indicatis: Sello 2150! 2132! - Extra Brasiliam in Peruvia: Pavon!; in Nova Granata: Triana!, Linden 1652!, Goudot 1844!, Jervoise, Cuming 1222!; ad Chagres Venezuelae: Fendler 118!; in America centrali: Chontales, Tate!; Costa Rica: Oersted!; Panama: Seemann 562!, Moritz Wagner. - Var. *α*. minor in Brasiliae prov. do Alto Amazonas, in sepibus ad Ega: Martius! (Obs. mss. n. 3067). Var. *β*. involucrata item in Brasiliae prov. do Alto Amazonas, in sylvis ad cataractas Cubatenses fluvii Japurá: Martius! (Obs. mss. n. 3022). - Decemb. et Januar. floret.*

3 TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

3.1 DIAGNOSE

57. PASSIFLORA VITIFOLIA KUNTH folhas membranáceas, nítidas na face adaxial, pubérulas na face abaxial, frequentemente cordadas, trilobadas, com os lobos oblongos, agudos, repando-denteados; algumas vezes oblongas, inteiras; pecíolos de modo geral com uma polegada, biglandulosos na base; pedúnculos mais compridos que o pecíolo, trígonos no ápice; *brácteas grandes, coloridas, oblongas ou ovado-oblongas*, inteiras[, com as margens inteiras] ou serrilhadas, glandulosas nas margens; flores muito grandes, *com o tubo floral sulcado*; filamentos fauciais internos da corona conatos entre si na base, coniventes no ápice.

Diagnose (l. *diagnosis*, g. διάγνωσις, “distinção, deliberação”) é uma breve exposição das características distintivas de um determinado táxon, a qual se divide em: referencial, na qual o táxon é comparado a outros semelhantes; e essencial, na qual se aborda as características mais importantes para identificar o táxon (STEARNS, 1983).

Há uma atenção singular às características que separam táxons subordinados ao grupo descrito — e.g. na descrição de um gênero, as espécies incluídas nele. Observamos marcações em itálico nas seguintes passagens, que realçam importantes características distintivas de ambas as subespécies de *P. vitifolia* e de outras espécies próximas: “*bracteis magnis coloratis oblongis vel ovato-oblongis*” e “*tubo sulcato*”.

A diagnose se caracteriza pelo uso do ablativo descritivo, por exemplo, o modo como Hallman (1749, p. 217) denomina uma espécie de maracujá:

<i>Passiflora</i>	<i>foliis</i>	<i>Indivisis</i>	<i>Serratis</i>
nom. sg. f.	abl. pl. n.	abl. pl. n.	abl. pl. n.

Segundo os critérios supracitados, o texto de nossa tradução apresenta uma diagnose do tipo essencial. Nele, encontra-se 14 substantivos, 26 adjetivos, um pronome (*sui*, acc. *sese*),

cinco advérbios, duas preposições (*ad* e *inter*) e uma conjunção (*vel*). Não há numerais, verbos e interjeições, mas houve predominância dos adjetivos e dos substantivos. Apenas o substantivo *margines* (ac. plur. de *margo*, “margem”) e o pronome *sese* (ac. plur. de *sui*, “si”) estão em um caso diferente do ablativo, este encontrado em 39 das 41 palavras declináveis. Logo, para evitar redundâncias, o ablativo não foi traduzido com adição de preposições nos substantivos onde se inicia uma descrição, bem como em seus adjetivos correspondentes.

O nome científico não se traduz, nem substitui por nome popular, pois este é um padrão internacional. Já a referência aos autores foi alterada pois que modernamente se atualizou sua abreviação de H.B.K. — Humboldt, Bonpland e Kunth — por Kunth, porquanto este redigiu as descrições, enquanto Humboldt e Bonpland realizaram as coletas (TROPICOS, 2021).

Os termos “adaxial” e “abaxial” são recorrentes na terminologia botânica: significam, de modo respectivo, a superfície superior e inferior da lâmina foliar ou limbo (RIZZINI, 1955). Logo, traduzir *superne* e *subtus* como “superiormente” e “inferiormente”, “na parte de cima” e “na parte de baixo” etc. é passível de equívocos à leitura, pois se confundem: com as regiões do ápice e da base da lâmina foliar; com as folhas proximais e distais ao ápice do indivíduo, a exemplo da heterofilia ou polifilia, isto é, folhas com formas diferentes ao longo do corpo vegetal, como entre as regiões inferior e superior do indivíduo.

Não se traduz *integer* por “íntegro”, mas por “inteiro”, uma convenção da terminologia portuguesa (FERNANDES, 2007). Na família Passifloraceae, *tubus* se traduz por: tubo calicinal, tubo do cálice, tubo floral ou hipanto, estes dois últimos mais empregados por especialistas, visto que não se pode confirmar facilmente quais órgãos o constituem (e.g. BERNACCI *et al.*, 2021). Traduzimos “tubo floral” pois: esta é a acepção defendida por Masters para a estrutura na *Flora brasiliensis*; entendemos que o adjetivo “floral” pode ser usado também para exprimir sentido de localização da estrutura, não somente designar matéria de que se constitui; “hipanto” é um termo usado para flores períginas e epíginas, não hipóginas, como maracujás.

Os advérbios *saepius* e *interdum* marcam duas formas distintas de folhas: as 3-lobadas, mais frequentes, com descrição dos lobos; e as inteiras, isto é, não lobadas. Certa cautela se deveria ter neste momento, pois as desinências dos gêneros masculino e neutro são semelhantes no caso ablativo plural, o que poderia confundir se *oblongis integris* concorda com *lobis* (abl. pl. m.) ou com *foliis* (abl. pl. n.). Sobre as brácteas, o adjetivo *integerrimus*, superlativo absoluto de *integer*, assim é utilizado para descrever duas características: um órgão foliáceo que seja, por si próprio, inteiro, não lobado; e com a margem inteira (RIZZINI, 1955). Por não ser um

adjetivo muito empregado na terminologia moderna, preferimos esclarecer que a margem é inteira (e.g. BERNACCI *et al.*, 2021).

Em *coronae faucialis filis interioribus*, optou-se por traduzir como “filamentos fauciais internos da corona”. O termo *faucialis* é como Masters considera os filamentos da fauce, porção superior do tubo floral. Esta acepção sofreu alterações por Harms (1925), as quais foram aceitas por Killip (1938) e assim permanecem até a atualidade. Em suma, o que Masters designou por corona faucial e supramedial, Harms entende por corona, tal como a corona medial, inframedial e basal *sensu* Masters foram consideradas, respectivamente, opérculo, anel nectarífero e límen (KILLIP, 1938). Optamos por preservar a terminologia da *Flora brasiliensis*, porquanto oferece a perspectiva histórica de sua evolução sem, neste caso, prejudicar o entendimento. O termo *filum* foi traduzido por “filamento”, não “fio”, pois é o modo usado na terminologia portuguesa (RIZZINI, 1955).

Por fim, *connexus* não foi traduzido como “conexo” ou “conectado”, mas “conato”. Este termo apresenta uso amplo na terminologia botânica e expressa com mais clareza um órgão que está fusionado ou ligado. Também é possível utilizar os seguintes termos: “fundido”, “fusionado”, “unidos entre si” etc. Nesse caso, “conato” tem um caráter sintético e exclusivo da terminologia botânica e, por isso, foi selecionado. Outrossim, existe o termo “adnato”, não empregado nesse contexto, pois assume o sentido de fusão entre órgãos diferentes (FONT QUER, 1979). Adotou-se “conato”, portanto, pois os filamentos da corona interna, *i.e.* de um mesmo órgão, encontram-se fusionados.

3.3 ILUSTRAÇÃO E SINONÍMIAS

[Encontra-se ilustrada] em nossa Prancha 121.

Passiflora vitifolia Kunth, Nov. Gen. et Sp. II. 138. (1817).

Passiflora sanguinea Smith in Rees' Cyclop. (1819).

Passiflora punicea DC. Prodr. III. 329.

Tacsonia buchanani Lemaire Ill. Hort. t. 519.

Passiflora servitensis Karst. Linnaea XXX. 163.

Será possível [adicionarem-se] com estes:

Passiflora caracassana Willd., ex Spreng. Syst. Pl. III. 40?

Passiflora multiformis Jacq. Fragm. 169. t. 67. f. 1. (apenas as folhas foram retratadas)?

A ilustração é um mecanismo essencial de demonstrar o conteúdo exposto por escrito. Compõe-se da expressão *tabula nostra* e numeral correspondente à ilustração incorporada no fim do fascículo (Figura 2). Desta expressão, depreendem-se duas flexões casuais: o nominativo

singular (*tabulă nostră*), ou o ablativo singular (*tabulā nostrā*). Consideramos esta última mais pertinente, por entendermos como implícita a circunstância de lugar — mais ainda no sentido de referência à página — onde a ilustração se encontra.

As sinonímias são um ou mais nomes científicos referentes ao mesmo táxon, publicados posteriormente ao nome correto, atendendo à prioridade. Logo, o nome correto deve ser adotado em detrimento de suas sinonímias, que não devem ser utilizadas em seu lugar. Pode-se encontrar dois tipos de sinônimos: o heterotípico, taxonômico ou subjetivo, cujo tipo é diferente do nome referente ao mesmo táxon; e o homotípico, nomenclatural ou objetivo, cujo tipo é o mesmo do nome referente ao mesmo táxon (STEARN, 1983; TURLAND *et al.*, 2018).

Quatro sinônimos de *Passiflora vitifolia* Kunth foram indicados: *Passiflora sanguinea* Smith, *Passiflora punicea* DC., *Tacsonia buchmanii* Lemaire e *Passiflora servitensis* Karst. Os últimos dois nomes, *Passiflora caracassana* Willd. e *Passiflora multiformis* Jacq., antecedidos por *an huc* (lit. *será possível aqui?*) e interrogação, representam dúvidas sobre a sinonimização. Mais especialmente neste último, Masters indica que apenas as folhas foram retratadas, o que impossibilitou sua conclusão.

3.5 DESCRIÇÃO

LIANA. CAULE cilíndrico, coberto por um [indumento] tomentoso-ferrugíneo, glabro depois de maduro. FOLHAS 3-5 polegadas de comprimento, 3-6 polegadas de largura, trinérveas, trilobadas, com os lobos laterais oblongos, o lobo médio um pouco maior, ovado, todos [os lobos] agudos, repando-denteados. PECÍOLOS convexos na face abaxial, canaliculados na face adaxial, biglandulosos na base. ESTÍPULAS linear-subuladas, decíduas. PEDÚNCULOS axilares, dificilmente duas vezes maiores que os pecíolos, espessados na região superior, articulados no ápice, unifloros. BRÁCTEAS herbáceas, coloridas, de meia polegada para cima. FLOR aberta com três a mais polegadas de diâmetro, vermelho-alaranjada a escarlate. TUBO FLORAL dificilmente chega a meia polegada, cilíndrico, pouco distendido na base, exterior longitudinalmente 10-lobado, interior 10-sulcado, umbilicado na base. SÉPALAS subcoriáceas, lanceoladas, exteriormente pubérulas, mais ou menos alado-carenadas, com a carena saindo de baixo do ápice em um cornículo. PÉTALAS um pouco menores e mais estreitas que as sépalas. CORONA FAUCIAL filamentosa, trisseriada, com os filamentos externos eretos, três vezes menores que as pétalas, escarlates, pontuados de branco, livres entre si desde a base, filamentos seguintes semelhantes, um pouco menores, filamentos da terceira série unidos na base por uma membrana, livres no ápice, inclinados. CORONA MÉDIA (opérculo) membranácea, emergindo do tubo em direção ao centro, deflexa, retroflexa no ápice, serrilhada. ANDROGINÓFORO dificilmente menor que as pétalas, delgado, pontuado de escarlate. FILETES achatados, pintalgados de púrpura. OVÁRIO elipsoide, atenuado no ápice. ESTILETES delgados, indistintamente purpúreos. ESTIGMAS hemisféricos, branco-amarelados. Frutos não observados.

Descrição (*descriptio*, “reprodução, descrição de caracteres, delimitação”) é uma ampla exposição das características gerais de um determinado táxon. No Latim Botânico, deve expor minimamente o hábito e outras características evidentes de todos os principais órgãos. Assim como na diagnose, há uma atenção singular às características que separam táxons subordinados ao grupo descrito. Alguns autores usam marcações tipográficas para realçá-las: itálico, negrito ou maior espaçamento entre letras (STEARN, 1983).

Nos dizeres de Linnaeus (1751, p. 258, grifo nosso), segue-se uma ordem: “*Descriptio ordinem nascendi sequatur*”. Em outras palavras, a descrição segue a ordem de “nascimento” da planta, isto é, da raiz ao caule, folhas, flores e frutos. Também segue do exterior ao interior, do mais conhecido, definido e aparente. Por fim, não faz tanto uso do ablativo descritivo como na diagnose, permanecendo os principais órgãos no caso nominativo, escritos em maiúsculas ou versalete, em geral seguido por seus respectivos adjetivos. Vide o seguinte exemplo extraído de nossa transcrição:

STIPULAE lineari-subulatae, deciduae
nom. pl. f. nom. pl. f. nom. pl. f.

No texto de nossa tradução, encontra-se 28 substantivos, 78 adjetivos, 14 advérbios, três preposições (*ex*, *in* e *infra*), três conjunções (*et*, *quam* e *vel*) e um único verbo (*exsto*). Não há numerais por extenso — mas algarismos arábicos e prefixos numerais — e interjeições, mas houve predominância dos adjetivos e dos substantivos. O caso nominativo representa a maioria das palavras declinadas, encontrado em cerca de 70% delas (94 de 135). O ablativo descritivo foi usado para expor partes de órgãos, por exemplo (com alterações):

FOLIA 3-nervia 3-loba Lobis lateralibus oblongis
nom. pl. n. nom. pl. n. nom. pl. n. abl. pl. m. abl. pl. m. abl. pl. m.

Um exemplo de acusativo é com uso da preposição *in*:

filis seriei tertiae basi In membranam connexis
abl. pl. n. gen. sg. f. gen. sg. f. abl. sg. f. prep. ac. sg. f. abl. pl. n.

Como mencionado acima, a prioridade em uma descrição é o hábito: *fruticosa*, “arbusto com muitos rebentos, semelhante a um arbusto, com caule lenhoso e ramificado, fruticoso”. O termo é composto por *frutex*, “arbusto, frútice” e *-osus*, que exprime semelhança. Segue-se o adjetivo *scandens*, “trepadeira, [caule] trepador, escandente”, particípio presente de *scandere*, “subir, trepar, escalar”. Portanto, *fruticosa scandens* designa uma trepadeira de caule lenhoso e

ramificado, e não deveria ser traduzido por “arbusto escandente”, em uma tradução direta. Mais ainda, existe um galicismo, empregado na terminologia botânica, que compõe ambos os termos: liana, de fr. *liane*, “liana, cipó”, derivado de fr. *lier*, “ligar, juntar” (FONT QUER, 1979).

Entende-se *teres* por várias acepções, “tereto, cilíndrico, roliço etc.”, dentre as quais foi selecionado “cilíndrico”, a fim de manter a correspondência com a terminologia empregada por Cervi e Dunaiski-Junior (2004). Embora não se utilize o termo *indumentum*, preferimos mantê-lo subentendido para melhor dizer o conjunto de tricomas que recobre a superfície de um órgão vegetal. O advérbio *demum* exprime sentido de tempo posterior, ou melhor, de amadurecimento do órgão, no qual o indumento já não é mais ferrugíneo-tomentoso, e sim glabro, este último um termo mais comum do que “calvo”, de novo conforme Cervi e Dunaiski-Junior (2004). O composto *repando-denteadas* expressa folhas com margens onduladas, sinuadas, que possuem saliências triangulares perpendiculares à superfície, denominadas *dentes* (FERNANDES, 2007).

Os pecíolos canaliculados na superfície adaxial são aqueles que possuem uma escavação longitudinal, ou melhor, uma concavidade quando cortados transversalmente. As glândulas são assim entendidas, como estruturas capazes de produzir secreção. Este último termo é diminutivo de *glans*, “glande, bolota”, e exprime uma analogia entre a forma da estrutura secretora localizada no pecíolo com o fruto seco encontrado em diversas plantas, dentre elas o carvalho.

A designação *corona faucial* e *corona média* faz referência à antiga denominação destas estruturas, equivalentes ao que, na atualidade, se entende por *corona* e *opérculo* (HARMS, 1925; CERVI; DUNAISKI-JUNIOR, 2004). Como Masters observa, por uso de parênteses, que opérculo e corona média se equivalem, não há prejuízo no entendimento. Igualmente preferiu-se manter termos originais para preservar a perspectiva histórica da terminologia. O ápice do opérculo é *refractus*, termo equivalente a *reflexus*, “encurvado, voltado para trás”, entendidos *retrofractus* e *retroflexus* por Fernandes (2007). Este difere de *deflexus*, “encurvado para baixo”. Em suma, este órgão, que encontra-se no interior do tubo floral, circundando-o, curva-se para baixo, e seu ápice apresenta uma nova curva para cima.

Por fim, os filetes, *filamenta* — geralmente não traduzidos por *filamentos* em português —, compõem as estruturas filiformes que sustentam as anteras. Optamos por *achatados*, e não *complanados*, pois é um termo mais comum (FERNANDES, 2007; GONÇALVES; LORENZI, 2011). Destes, a tradução *pintalgados de púrpura* para *punctis purpureis adspersa* deve ser mencionada: este equivalente português é usado por especialistas, e resume melhor um período longo, lit. “[como que] aspergido por pontos purpúreos” (CERVI, 1997).

3.7 VARIEDADES

Espécie com variedades, notáveis pela beleza das flores. Pude distinguir as seguintes variedades:

Passiflora vitifolia var. *minor*, com brácteas e flores menores.

Passiflora vitifolia var. *involucrata*, com as maiores brácteas, duplicado-serreadas, com glândulas entre as serrilhas.

[Sinônimo de] *Passiflora punicea* [encontrada em nota] dos manuscritos de Martius.

Variedade (*varietas*, “variedade, diversidade”) é um nível taxonômico abaixo de espécie. Atualmente, Turland *et al.* (2018) recomendam que se abrevie por *var.*, e.g. *Passiflora vitifolia* var. *minor*. Masters emprega semelhante abreviação, embora não reescreva o nome da espécie. Ele faz uso da abreviação *var.* seguida de um caractere ordinal grego, marcado por itálico (α , β , γ , etc.); o nome da variedade (*minor* e *involucrata* neste caso); e sua diagnose. Quando aplicável, as respectivas sinónimas. Dito isto, optamos por apresentar as variedades segundo a convenção moderna, a fim de facilitar sua assimilação por especialistas, conquanto não haja impedimentos para se utilizar a convenção da *Flora brasiliensis*.

Em síntese, ressalta-se que neste momento a diagnose das variedades é referencial, em que se delimita características de, na verdade, três delas: *Passiflora vitifolia* var. *vitifolia*, *P. vitifolia* var. *minor* e *P. vitifolia* var. *involucrata*. Facilmente depreende-se tal conclusão, devido ao uso de adjetivos no grau comparativo (*minor*) e superlativo (*maximus*) para designar brácteas e flores, o que as torna importantes para identificação. O uso de *involucrata* é uma maneira de chamar atenção às brácteas da respectiva variedade, que, além de as maiores dentre as demais, também são duplicado-serreadas, com glândulas entre as serrilhas.

3.9 MATERIAL EXAMINADO E LOCALIDADE-TIPO

O tipo da espécie ocorre na província do Alto Amazonas, nas florestas ao longo do rio Japurá superior: Martius!; nas sebes perto de Ega: Poeppig!; nas proximidades de Minas Gerais, nas florestas próximas de Mariana: Martius!; em lugares não indicados do Brasil meridional: Sello 2150! 2132! — Fora do Brasil, no Peru: Pavon!; em Nova Granada: Triana!, Linden 1652!, Goudot 1844!, Jervoise, Cuming 1222!; na parte venezuelana do rio Chagres: Fendler 118!; na América Central: Chontales, Tate!; Costa Rica: Oersted!; Panamá: Seemann 562!, Moritz Wagner. — Passiflora vitifolia var. minor, no Brasil, província do Alto Amazonas, nas sebes próximas do Ega: Martius! (nas observações manuscritas de número 3067). — Passiflora vitifolia var. involucrata, no Brasil, também na província do Alto Amazonas, nas florestas próximas das cataratas de Cubatã do rio Japurá: Martius! (nas observações manuscritas de número 3022). Floresce em dezembro e janeiro.

O *habitat* é uma das raras enunciações do Latim Botânico que emprega verbos, salvo por formas verbo-nominais geralmente de valor adjetivo. Segundo Stearn (1983), o mesmo verbo — encontrado na terceira pessoa do singular do presente ativo indicativo, “habita, ocupa, reside” — é entendido, em línguas modernas, como um substantivo.

Neste momento, Masters expõe os espécimes usados por base em seus estudos, os quais designa como *typus*, divergindo ligeiramente de sua acepção moderna — tendo em vista que os espécimes-tipo de *P. vitifolia*, segundo a Prioridade, foram designados por Bonpland, Humboldt e Kunth (1817, p. 138-139).

O texto compõe-se do local em que o espécime foi coletado, sucedido do sinal de dois-pontos; o coletor; e o número de coleta. Este último, em determinados casos, sucedido por sinal de exclamação, o qual indica ter sido tal espécime examinado pelo autor, neste caso, Masters. Por exemplo:

<i>locis Brasiliae meridionalis non indicatis:</i>	<i>Sello</i>	2150	!
Local de coleta	Coletor	nº de coleta de Sellow	Examinado por Masters

O autor termina o texto com o período de floração da espécie, informação importante para que outros botânicos possam coletar espécimes em momento oportuno, no qual caracteres importantes, particularmente os florais, estejam disponíveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a tradução deste excerto, discutiram-se características linguísticas, estruturais e terminológicas do Latim Botânico na *Flora brasiliensis*, o que inclui não somente perspectivas taxonômicas e morfológicas gerais, mas também específicas do gênero *Passiflora*, a exemplo de estruturas que lhe são muito particulares, como: o tubo floral, termo controverso que assim foi aqui designado em concordância com Masters; e a corona com suas acepções modernas, em que entende-se corona faucial e medial *sensu* Masters respectivamente por corona e opérculo.

Expôs-se a estrutura do texto taxonômico e suas particularidades linguísticas, como o singular uso do ablativo descritivo na diagnose, o que não ocorre com tamanha recorrência na descrição propriamente dita, em que os principais órgãos estão declinados no caso nominativo. Além disso, informações sobre a ilustração e sinonímias, acrescidos com exemplos de como se apresentam as variedades botânicas na *Flora brasiliensis*, bem como o material examinado e

sua composição do local de coleta, coletor e o número de coleta seguido de exclamação, caso o espécime tenha sido de fato examinado pelo autor.

Por conseguinte, consideramos este excerto um modo brevíssimo de ilustrar a relevância dos textos taxonômicos quanto à tradução, exibindo padrões e riqueza terminológica que vêm a demandar circunspeção suficiente para suprir o rigor apreciado pelo público especializado.

REFERÊNCIAS

- BERNACCI, L. C. *et al.* Passifloraceae. *In: Flora do Brasil 2021*: algas, fungos e plantas. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB182>. Acesso: 26 mar. 2021.
- BONPLAND, A.; HUMBOLDT, A.; KUNTH, C.S. **Nova genera et species plantarum**: botanique. Paris: Librairie Grecque-Latine-Allemande, 1817. 2 t.
- BRIQUET, J. *et al.* **International Code of Botanical Nomenclature, adopted by the international botanical congress of Vienna 1905**. [s.l.: s.n.], 1906.
- CERVI, A. C. Passifloraceae do Brasil: estudo do gênero *Passiflora* L. subgênero *Passiflora*. **Fontqueria**, Madrid, v. 45, p. 1-92, 1997.
- CERVI, A. C.; DUNAISKI-JUNIOR, A. Passifloraceae do Brasil: estudo do gênero *Passiflora* L. subgênero *Distephana* (Juss.) Killip. **Estudos de Biologia**, Curitiba, v. 26, n. 55, 2004.
- FERNANDES, R. B. **Glossário de termos botânicos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em: https://www.uc.pt/herbario_digital/learn_botany/glossario. Acesso em: 29 jun. 2021.
- FONT QUER, P. **Diccionario de botánica**. Barcelona: Editorial Labor, 1979.
- GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1934.
- GAIUS PLINIUS. **Naturalis historiae**. Lipsiae: Guilielmi Gottlob Sommeri: 1778. v. 1.
- GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia vegetal**. 2. ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011. 512 p.
- HALLMAN, J. G. *Passiflora*. *In: LINNAEUS, C. Amoenitates academicae*: seu dissertationes variae [...]. Holmiae: Lipsiae: Godofredum, 1749. cap. 8, p. 211-242.
- HARMS, H. Passifloraceae. *In: ENGLER, A.; PRANTL, K. Die Natürlichen Pflanzenfamilien*. Leipzig, 1925.
- KILLIP, E. P. **The American species of Passifloraceae**. Chicago: Field Museum of Natural History, 1938. (Botanical Series, v. 19, p. 1, n. 407).

- LEÓN, P. de C. **La crónica del Perú**. Madrid: Calpe, 1553.
- LINNAEUS, C. **Philosophia botanica**. Stockholmiae: Godofr-Kiesewetter, 1751.
- LINNAEUS, C. **Systema naturae**. Lugduni Batavorum: Theodorum Haak, 1735.
- MASTERS, M. T. Passifloraceae. In: MARTIUS, C. F. P.; EICHLER, A. G. **Flora brasiliensis** [...]. London: [s.n.], 1895. v. 13, fasc. 57, p. 1.
- MCNEILL, J. *et al.* **International code of nomenclature for algae, fungi and plants (Melbourne Code)**. [S.l.]: Gantner Verlag, 2012. (Regnum Vegetabile, v. 154).
- MONARDES, N. **Primera y segunda y tercera parte dela historia medicinal: delas cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales** [...]. Sevilla: Fernando Diaz, 1580.
- PARLASCA, S. **Il fiore della granadiglia, ouero della passione di Nostro Signore Giesù Christo** [...]. Bologna: Bartolomeo Cocchi, 1609.
- PISO, W.; MARCGRAVE, G. **Historia naturalis Brasiliae: auspicio et beneficio** [...]. Lugdunum Batavorum: Franciscum Hackium; Amstelodami: Lud. Elzevirium, 1648.
- RADFORD, A. E. *et al.* **Vascular plant systematics**. New York: Harper & Row, 1974. 891 p.
- RIZZINI, C. T. **Latim para botânicos: ensaio sobre o uso do latim na botânica**. Salvador: Fundação Gonçalo Moniz, 1955.
- SARGENT, C. S (org.). **Scientific papers of Asa Gray**. Cambridge: Cambridge University Press, 1889. (Reviews of Works on Botany and Related Subjects, 1834-1887).
- SPRAGUE, T. A. Botanical terms in Albertus Magnus. **Bulletin of Miscellaneous Information**, Kew, n. 9, p. 440-459, 1933a.
- SPRAGUE, T. A. Botanical terms in Isidorus. **Bulletin of Miscellaneous Information**, Kew, n. 8, p. 401-407, 1933b.
- SPRAGUE, T. A. Botanical terms in Pliny's Natural History. **Bulletin of Miscellaneous Information**, Kew, n. 1, p. 30-40, 1933c.
- STEARN, W. T. **Botanical latin**. 3. ed. rev. London: David & Charles, 1983.
- THEOPHRASTUS ERESII. **De historia plantarum** [...]. Amstelodami: Henricum Laurentium, 1644. Libri decem, graece & latine.
- TROPICOS [database]. Missouri: Missouri Botanical Garden, 2020. Disponível em: <http://tropicos.org/>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- TURLAND, N. J. **Código internacional de nomenclatura para algas, fungos e plantas (Código de Shenzhen)**. São Paulo: RiMa Editora, 2018.